

# Operários de Itaipu

## Experiências e lembranças da demissão <sup>1</sup>

*Odirlei Manarin* <sup>2</sup>  
omanarin@yahoo.com.br

**RESUMO:** O presente texto é fruto de um trabalho realizado em 2005 que analisou o processo das demissões dos trabalhadores entre os anos de 1990 a 1993 (última fase da construção), uma vez que os relatórios oficiais da empresa são silenciosos em relação aos mesmos. Assim, buscou-se entender a partir das entrevistas como os trabalhadores narram estas situações e como passaram a sobreviver e trabalhar na cidade de Foz do Iguaçu após a finalização da construção. Isto porque a participação dos trabalhadores neste processo quando não é apagada é pouco aprofundada nas pesquisas sobre o assunto, muitas vezes tornada minimizada pelo gigantismo dos números expressos nela. Neste sentido, propõe-se apresentar algumas reflexões que foram possíveis no curso deste estudo.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Trabalhador; Memória; Itaipu.

---

<sup>1</sup> Este artigo vincula-se à pesquisa *Foz do Iguaçu: terra dos ex-operários da construção de Itaipu 1990-1993* como texto de conclusão de curso na Uniamérica, 2005. Algumas análises aqui discutidas foram apresentadas na III Jornada Nacional de História do Trabalho, organizada pelo grupo Mundos do Trabalho, em agosto de 2006, e publicada em anais do evento.

<sup>2</sup> Mestrando em História (UNIOESTE); Licenciado em História (Uniamérica); Professor da Rede Pública do Estado do Paraná, nível fundamental e médio.

## **INTRODUÇÃO**

Como práxis desta pesquisa, apresento inicialmente o lugar de produção deste trabalho e os interesses de investigação dos operários que trabalharam na construção da barragem de Itaipu. Primeiramente é preciso dizer que sou filho de um operário que veio para Foz do Iguaçu em 1976, para trabalhar na construção da barragem, permanecendo até os dias atuais, onde criou três filhos que moram e trabalham na cidade. Em segundo lugar, a pesquisa soma-se com a experiência que compartilhei no âmbito familiar e social, (as experiências desses trabalhadores, vivendo e ouvindo sobre o cotidiano de trabalho na usina, o processo da demissão e as dificuldades em arrumar emprego após o término da construção em 1991). Por fim, é importante dizer que esta experiência que carrego estará em constante diálogo, não somente com os trabalhadores, mas com os materiais produzidos pela Itaipu, os quais constroem uma imagem positiva e harmoniosa da convivência entre brasileiros e paraguaios, especialmente nas relações entre trabalhador e empresa. Portanto, não é intenção da pesquisa exaltar as memórias dos trabalhadores livres de qualquer reflexão, problematização e crítica, mas entender como isso foi vivido, sentido e narrado por eles, confrontando com as demais fontes, compreendendo esta relação como dinâmica, processual, mas produzida por um membro da classe trabalhadora.

Para auxílio e sistematização das entrevistas, elaborou-se um roteiro para nortear o diálogo, procurando sempre deixar claro inicialmente o objetivo da conversa e o posicionamento político que me levou a pesquisar os trabalhadores da construção da usina. Embora compreendendo a entrevista como uma troca entre dois sujeitos, ou

seja, um experimento em igualdade, como sugere Portelli (1997),<sup>3</sup> no qual tanto o pesquisador quanto o objeto da pesquisa estarão se observando, procurei sempre levantar questões que muitas vezes buscassem problematizar as contradições produzidas ao longo da conversa. Mas, é claro que buscando sempre construir um ambiente de troca entre dois sujeitos, onde ambos tenham condições de se estabelecer no processo.

O roteiro utilizado nas entrevistas não teve como objetivo enquadrar um número de perguntas, cuja prática era confirmar as hipóteses ou interpretações do pesquisador sobre as trajetórias de vida e o momento da demissão dos trabalhadores. Até porque na conversa o entrevistado pode acabar respondendo às questões antes mesmo de enunciá-las, ou as perguntas levantadas podem não fazer sentido para a realidade daqueles trabalhadores. Afinal, em cada entrevista os trabalhadores podem construir suas memórias de modo específico, permeadas de acordo com suas situações do cotidiano e com suas emoções.

O processo de igualdade sugerido por Portelli (1997), ressalta que esta relação não depende da boa vontade do pesquisador, mas de condições sociais, pois o contexto da elaboração influencia o comportamento do entrevistado e também as questões propostas pelo pesquisador. Por isso, me dispus a trabalhar com a memória dos trabalhadores de Itaipu procurando compreendê-las em suas singularidades, e também as explorando de maneira relacionada na dinâmica social mais ampla.

---

<sup>3</sup> Ver: PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. In Revista Projeto História – Cultura e Representação, n. 14, 1997, p. 7-24.

## OS TRABALHADORES E A CONSTRUÇÃO DE ITAIPU

O que se percebe, quando narrada a história da construção pela hidrelétrica, é que segue o caminho de explicação do início das obras no ano de 1974, que foi projetada pelo governo militar brasileiro fruto do período denominado “milagre econômico” vivido naquela década. Com a finalidade de implementar o crescimento industrial do país, o governo passou a investir em grandes obras, que eram justificadas à sociedade como meios necessários para o desenvolvimento industrial da nação. Porém, para isso acontecer na prática, necessitava do fornecimento de energia elétrica. A construção desta obra só foi possível com a assinatura do Tratado de Itaipu, que selou a participação entre Brasil e Paraguai para realizar o aproveitamento hidrelétrico dos recursos hídricos do Rio Paraná, pertencentes em condomínio dos dois países.<sup>4</sup>

A construção dividiu-se em quatro fases cujas principais atividades empregaram milhares de trabalhadores vindos de diversas partes do país.

A primeira etapa compreende o período de 1975 a 1978: escavação do canal de desvio, estruturas de controle e o desvio do Rio Paraná de seu leito natural. A segunda fase de 1978 a 1982: a construção da barragem principal, o vertedouro, a casa de força e o início das montagens eletromecânicas principais. A terceira fase 1982 a 1986: fechamento das comportas da estrutura de controle de desvio, formação do reservatório e abertura do vertedouro. A quarta e última fase da construção vai do período 1986 a 1991, construção da casa de

---

<sup>4</sup> Ver: Atos oficiais e legislação complementar. Rio de Janeiro, Itaipu Binacional - Biblioteca, Diretório Geral, 1977, p. 29.

força do canal de desvio e a conclusão da montagem das unidades geradoras restantes.<sup>5</sup>

As duas primeiras fases necessitaram maior número de pessoas engajadas em obras civis. A partir da terceira fase há o decréscimo de intensidade das obras civis e o incremento das atividades relacionadas com a montagem, na construção da Itaipu. Neste sentido, o processo de contratação e demissão durante as obras se caracterizava como constante. E dentre as escolhas, do recorte e do espaço que constituiu esta análise, optou-se em entrevistar trabalhadores que saíram a partir de 1990, tendo em vista o término da construção.

Os dados referentes à evolução do número de trabalhadores vinculados à implantação do Projeto Itaipu até o início da última etapa da obra demonstram a rotatividade de funcionários, conforme segue quadro abaixo<sup>6</sup>:

---

<sup>5</sup> Estas informações estão disponíveis na página: [www.itaipu.gov.br](http://www.itaipu.gov.br) – Material Publicitário entregue no ano de 2001 no Centro de Recepção de Visitantes – Itaipu Binacional, Av. Tancredo Neves, 6702 – Foz do Iguaçu/PR.

<sup>6</sup> A partir de 1987, não consta mais nos Relatórios Anuais a quantidade de funcionários das empreiteiras, isso indica que a Itaipu Binacional buscava minimizar os números das demissões em detrimento do fornecimento de energia e a racionalização dos custos da entidade.

Tabela I

| ANO  | ITAIPU<br>BINACIONAL | A SERVIÇOS DE TERCEIROS<br>(Firmas Empreiteiras) | TOTAL  |
|------|----------------------|--|--------|
| 1975 | 1.188                | 4.549  | 5.737  |
| 1976 | 1.401                | 12.005   | 13.406 |
| 1977 | 1.625                | 20.860   | 22.485 |
| 1978 | 1.891                | 29.427   | 31.318 |
| 1979 | 2.014                | 24.590   | 26.604 |
| 1980 | 2.032                | 22.726   | 24.758 |
| 1981 | 2.008                | 25.908   | 27.916 |
| 1982 | 2.081                | 17.140   | 19.221 |
| 1983 | 2.175                | 10.280   | 12.455 |
| 1984 | 2.242                | 8.065  | 10.307 |
| 1985 | 2.353                | 8.021  | 10.374 |
| 1986 | 5.545                | 10.826   | 13.371 |

Fonte: Dados extraídos do Relatório Anual – Itaipu Binacional exercício 986, p. 25.

Para iniciar esta construção, necessitou-se da contratação de cinco empresas de engenharia do lado brasileiro que se reuniram em um consórcio devido ao porte e complexidade da obra, após a licitação realizada pela Itaipu. As construtoras brasileiras se organizaram em participações iguais através do Consórcio UNICON - União de Construtoras Ltda.<sup>7</sup> no lado brasileiro. Do lado paraguaio foi utilizado o mesmo critério, onde as empresas organizaram-se através da CONEMPA S.R.L.

Durante o curso da edificação da barragem, a Itaipu e o Consórcio UNICON no lado brasileiro, se responsabilizaram pela execução dos serviços da infraestrutura adequada a receber os milhares de trabalhadores que viriam trabalhar. Nela incluíram a construção dos Conjuntos Habitacionais dos equipamentos sociais, comunitários e recreativos, além de ativa participação nas áreas de Saúde, Abastecimento Social e na promoção de Programas

<sup>7</sup> As empresas que fazem parte do consórcio são: Cetenco Engenharia S.A.; Cia Brasileira de Projetos e Obras CBPO; Construções e Comércio Camargo Corrêa S.A; Construtora Andrade Gutierrez S.A e Construtora Mendes Junior S.A

Recreativos, de Higiene e Segurança no Trabalho. Em conjunto com a Diretoria Administrativa da Itaipu Binacional, complementaram a infraestrutura existente, naturalmente defasada em termos de atendimento ao contingente populacional superampliado e de procedência recente.

De acordo com a Revista Construção Pesada, foram construídos no lado brasileiro três conjuntos habitacionais. O Conjunto “A” planejado para execução de 2.200 unidades residenciais no período entre 1979/1980. Este, por sua vez destinava-se ao trabalhador de nível médio e de estado civil casado. O Conjunto “B” destinava-se ao pessoal de nível superior. Possui 185 casas. Quando concluída a construção permaneceram ocupadas pelos funcionários de Itaipu. O Conjunto “C” é o mais próximo do canteiro de obras e destina-se também aos casados, geralmente serventes. Inicialmente, foram construídas 1.300 residências, mas no processo esse número aumentou para 2.900. Sendo de construção mais simples, em blocos de concreto. Essas unidades foram planejadas apenas para a duração da obra devendo ser desmontadas quando concluídas. E também o alojamento no canteiro de obras seguindo os mesmos critérios dos conjuntos. Portanto, constata-se toda uma preparação para mobilização dos trabalhadores a partir de 1975 para o desenvolvimento das obras. (Revista Construção Pesada, n. 82 – 11/87. p. 176)

Foi possível constatar a importância dos bairros construídos pela empresa para atender aos trabalhadores, após analisar os relatórios<sup>8</sup> da empresa que destacavam o desempenho da equipe

---

<sup>8</sup> É utilizado como prática da empresa a emissão de um Relatório Anual, cuja finalidade apresentar em síntese o resultado das atividades, no exercício de cada ano atendendo as questões sobre operação, comercialização da energia, engenharia do projeto, obras civis, administração da entidade, entre outras. Para esta pesquisa foram analisados os relatórios dos anos de 1975 a 1994.

administrativa e dos trabalhadores no cumprimento das metas de produção. Isso ocorria dentro da relação estabelecida pela empresa no que consta a estrutura física construída para atender aos trabalhadores, apresentando-a como motor necessário para recuperação das energias gastas no canteiro de obras em jornadas que se estendiam entre 10 a 12 horas de trabalho.

Há uma notória relação de causa e efeito entre, de um lado o desempenho em atividades na área do projeto de Itaipu, e do outro lado, a categoria do apoio físico e social que a Entidade Binacional proporciona ao contingente humano e a seus familiares na área do projeto... Em 1981 ... continuava a predominar expressivo padrão de produtividade por parte do contingente humano na área do projeto de Itaipu, estimulando, entre outras circunstâncias, pela existência, desde o início da obra, de um ambiente sadio nas relações de serviço, de trabalho e no relacionamento social entre diversos grupos existentes... a ... infra-estrutura física e social implantada pela Itaipu em exercício anteriores e que vem sendo mantida administrativamente, em excelente nível de funcionamento... entre outras facilidades: ótima alimentação no canteiro de obras, residências confortáveis, bem como instalações de saúde, de educação e de lazer, todas excelentemente equipadas (Itaipu Binacional, 1981, p.15).

Todavia, o bairro Vila “C” foi construído entre os anos de 1975 a 1978, na margem brasileira, para abrigar provisoriamente os trabalhadores da usina. Ou seja, para atender às necessidades do cumprimento do calendário da obra, e não para outros fins, como uma política de urbanização da cidade. Depois de passado o período das obras de edificação entre os anos de 1991/1992, as casas foram vendidas aos seus ocupantes e não demolidas, já que foi finalizada a principal atividade e não exigia mais tantos empregados na implantação do Projeto Itaipu. Portanto, depois de demitidos entre 1991 a 1993 muitos trabalhadores permaneceram no bairro, buscando outro trabalho na cidade, o que facilitou a localização dos mesmos para a realização das entrevistas. Nas demissões anteriores a 1990, os

operários tinham um prazo de 30 dias para desocuparem as casas fornecidas pela empresa, assim como a perda de outros benefícios.<sup>9</sup>

Para atender as medidas de economia e racionalização após o término da construção, no decorrer de 1991, os Relatórios Anuais da Itaipu divulgavam que foram paulatinamente adequando a estrutura da usina para as funções de operação e manutenção, racionalizando custos e atividades (Relatório Oficial, 1991, p. 7). Portanto, as 2.900 residências do bairro Vila “C” passam a ser vendidas entre os anos de 1991/1992 para seus ocupantes<sup>10</sup> passando a manutenção dos serviços de saúde, de educação, de segurança e outros, para a Prefeitura da cidade. Após o repasse ao governo municipal, este bairro passou por várias mudanças, principalmente no que se refere ao número de desempregados, o aumento da violência, o aparecimento de ocupações de terrenos baldios, etc.

A partir desses aspectos a realização das primeiras entrevistas com os trabalhadores teve como objetivo entender como vivenciaram o ato da demissão e o que representou para eles. Como as memórias narram o período em que trabalharam na construção da usina e depois com a demissão. Considerando que os valores destes marcos nas experiências destes trabalhadores se constituem no âmbito das vivências da trajetória familiar e na cidade de Foz do Iguaçu.

Nos diálogos com os operários buscou-se um esclarecimento prévio sobre porque vieram para Foz do Iguaçu e como souberam da

---

<sup>9</sup> Segundo os depoimentos já levantados, os operários que foram demitidos antes de 1990 deveriam sair do bairro Vila “C”, pois era utilizada como prática da empreiteira, reter o acerto (FGTS, Férias, 13º) deles até que apresentarem a carta de desocupação no departamento administrativo do bairro (denominado como Prefeitura). Só com apresentação desse documento poderiam ser encaminhados para o Departamento Pessoal para fazerem o acerto trabalhista.

<sup>10</sup> Neste momento o bairro passa a ter outro significado, não de moradia provisória durante o período da obra, mas de um “Conjunto Habitacional” que pudesse amenizar os problemas habitacionais enfrentados pelo município.

construção, já que os entrevistados chegaram de regiões distintas, com bagagens culturais variadas. Estas questões possibilitam um maior aprofundamento de análise das narrativas, onde os registros não podem ser equiparáveis, já que “*eles viveram nestes tempos de aguda perturbação social, e nós não*” (THOMPSON, 1987. p. 12,13).

O trabalhador Simon Klynski, 72 anos, natural de Santo Ângelo/Rio Grande do Sul, veio para o Paraná em meados da década de 1960. Antes de chegar em Foz do Iguaçu, passou por outras cidades. Morando na cidade de Capanema, região Sudoeste, arrendou uma pequena quantidade de terras para tirar dela o sustento de sua família. Quando indagado sobre o motivo que o trouxe para Foz do Iguaçu, responde:

só pra melhorar a vida. Vim pra melhora a vida. Plantava também, só que eu não tinha terra minha só eu arrendei terra por cinco anos, só que era muito sofrido plantava soja, plantava feijão, dava seca não dava nada, e fazia financiamento no banco má-le-má dava para pagar o banco, lá o juro comia, então aí larguei o contrato faltava mais dois anos, vendi o contrato pra outro cara e vim pra cá...<sup>11</sup>

A sedução do emprego, apresentado pelas testemunhas, decorre da propagação de notícias em rádios, que exaltava a importância da grande obra, quando eram utilizados artistas de televisão famosos, dentre os quais Tarcísio Meira e Lima Duarte.<sup>12</sup> Somando-se a isso os benefícios salariais e o tempo de serviço como narra Simon, “era uma firma muito boa, que trabalhava, que fazia, ia

---

<sup>11</sup> Reside no bairro Vila “C”. Entrevista realizada em 17/09/2005 por Odirlei Manarin.

<sup>12</sup> Ver CATTA, Luis Eduardo. O Cotidiano de uma Fronteira: a Perversidade da Modernidade. Florianópolis/UFSC: Dissertação de Mestrado em História, 1994.

ser uma barragem muito grande, muito tempo de serviço,” para justificar a vinda de sua família à cidade.

Esta condição de funcionário que poderia desfrutar de tais direitos está intrinsecamente ligada ao trabalho, como indica a fala de Odélio<sup>13</sup> “naquele tempo a gente trabalhava, a gente ia pra trabalhá”. Ou seja, com rotinas de trabalho em turnos diurno e noturno de doze horas, e com metas de produção a serem atingidas motivadas e organizadas pelos engenheiros de cada equipe. Este operário, hoje com 66 anos, veio do estado de São Paulo, onde já trabalhava na construção de usinas. Chegou em 1976 com a esposa e quatro filhos, em função do encerramento das obras da usina de Cachoeira de Maribondo, na divisa de São Paulo e Minas Gerais. Reside atualmente no bairro Vila “C”.

Quando esses trabalhadores conseguiam o emprego e se alojavam na infraestrutura da barragem, convidavam amigos e parentes, ou mesmo indicavam seus nomes para feitores, encarregados, com a esperança que os contratassem. A vinda dessas pessoas ocorria com o mesmo objetivo, a expectativa de um presente e futuro melhor para ele e sua família. O trabalhador Osvaldo Cardoso Ribeiro, 59, veio a convite de seu cunhado, morando com ele até conseguir ser contratado, na função de motorista no canteiro de obras. Chegou na cidade em 1979, juntamente com a esposa e duas filhas, vindo de Apucarana/PR.<sup>14</sup>

Os três operários entrevistados trabalharam na maioria das fases da construção, tendo suas saídas a partir da década de 1990. O momento da dispensa foi abordado de várias formas, aflorando em muitos momentos o sentimento do dever cumprido, do pertencimento e a identificação com a construção. Também foi recorrente a

---

<sup>13</sup> Entrevista realizada em 26/09/2005, por Odirlei Manarin.

<sup>14</sup> Entrevista realizada em 20/09/2005, por Odirlei Manarin.

preocupação e o medo de ficar desempregado. O trabalhador Simon lembra o momento com muito entusiasmo:

era uma sexta-feira. Até fizeram um churrasco, encarregados, cachimbos, todo mundo comeu churrasco saindo na sexta-feira que é o último dia. Era o dia do pagamento e o dia que ia sair terminada (...) todo mundo veio com a caixa de ferramenta (...) era coisa mais linda de olhá.

Interessante observar que o sentimento de dever cumprido ganha força em sua fala, mesmo tendo ficado desempregado pelo período de 1991 a 1994.

Todavia, as narrativas dos trabalhadores estão em constante diálogo, com marcos e sentidos do presente, pois a instabilidade financeira atual determina a sua lembrança sobre a dispensa. Parafraseando Márcia Motta, quando a mesma diz que a memória que prevalece só se explica pelo presente, e do mesmo recebe incentivos para se consagrar enquanto um conjunto de lembranças de determinado grupo, que retira do passado apenas alguns elementos que lhe possam dar uma forma ordenada e sem contradições (MOTTA, 1998, p. 76-77).

A demissão para Osvaldo é narrada com maior dificuldade, pois se encontra em situação diferente dos demais entrevistados. Hoje esse trabalhador passa por problemas financeiros, já que não conseguiu sua aposentadoria e busca sua sobrevivência através de bicos (corte de grama). Ao lembrar do contexto do desligamento da barragem, indica elementos que compõem o seu presente, a fase dos tempos difíceis, a fase do desemprego, na qual desenvolve atividades, até então, nunca exercidas ao longo de sua vida. Na sua fala, aborda outras dimensões da dispensa de modo tortuoso, pois todo dia havia “baixas” no setor, as quais seguiam os critérios, primeiro os solteiros,

os mais novos e por último os mais velhos. Saiu no ano de 1993, quando exercia a função de motorista. Lembra que quando o encarregado pedia para guardar o carro na garagem, significava que estariam demitidos,

Por que no caso foi recolhido os carros tudo, os carro foi encostado no pátio, aí cada carro encostado no pátio, aí o chefe falava: amanhã você não precisa bater cartão. Aí aquele nozinho na garganta, né? É quando fala deixa teu carro no pátio, não tem setor mais (...) amanhã você já não pega, você não vai pro setor.

Durante a entrevista, ficou evidente a dificuldade do senhor Osvaldo de expressar suas lembranças sobre a demissão, a preocupação e a tristeza, vividas na expectativa de permanecer empregado. Todo dia, no período dos cortes, alimentava a esperança de não precisar guardar sua ferramenta de trabalho, o carro na garagem, e continuar. Embora ciente que mais cedo ou mais tarde seu momento iria chegar. Mas, alimentava uma esperança para que o prazo fosse estendido. No entanto, ao passo que garantisse mais um dia de serviço, o mesmo não aconteceria com outro companheiro de trabalho. E quando era demitido um companheiro de trabalho, pai de família, amigo, muitas vezes “compadre”, pois em tanto tempo trabalhando juntos construíram laços de afetividade e parentesco, ficavam sensibilizados, ainda que, momentaneamente aliviados, como percebemos na sua fala:

(...) é, você tá entrosado com os amigos tudo, aí começa embora, né? Vai um, vai outro, você fica esperando igual um gado assim, quando vai (...) no frigorífico (...) agora é a vez dele, então é isso (...), foi mandando, mandando.

Esta locução é reforçada na fala de Odélio Batista, que menciona o fato utilizando o termo “facão”. Expressão esta que era utilizada pelos operários para demissão. No dia que teria o “facão”, avisava a esposa que poderia voltar mais cedo para casa. Isso significava estar desempregado, uma vez que era utilizada como prática o não cumprimento do Aviso Prévio, pois as trocas de turno não coincidiriam com os demais, bem como para evitar acidentes de trabalho e baixo rendimento na produção. Assim, a família passava o dia na expectativa de o pai retornar no final da tarde trazendo a notícia se ainda estava empregado.

Neste sentido, além dos ex-operários trabalharem angustiados e ao mesmo tempo esperançosos em permanecer no emprego, a família compartilhava um sentimento que atingia a todos. Esse era um momento complexo de suas vidas, pois, além do drama de não ter trabalho, aumentaria as despesas com luz, água e aluguel (caso não tivessem casa própria). Além disso, haveria a perda do convênio médico e escolar. Estes elementos complementavam sua renda e contribuía para que esses operários avaliassem esse momento como perda, conforme evidencia a entrevista de Simon.

Era muita mordomia, era mordomia demais, você tinha tudo, medicamento, médico nem se falava, era toda família que tinha. Depois cortou tudo, né?

Portanto, a saída da empreiteira, a falta de trabalho, ou a redução do salário em outra ocupação determinava a qualidade e o padrão de vida desses operários e suas famílias. Além disso, o trabalhador experimentava outras situações degradantes: o desemprego e a sujeição a ocupações distintas daquele ofício

aprendido e aprimorado durante a obra. Simão avalia sua trajetória após sair da UNICON:

Em 94 eu fiquei na Telhado pra arumar as casas aqui da “Vila C” que o vendaval derubou. Trabalhei dois anos e dois meses, dela saí, entrei no Hotel Internacional de manutenção. De novo trabalhei um ano e três meses, daí de lá, quando saí de lá, depois fiquei na (...) de vigia. Aí não trabalhei mais, já comecei iniciar com os papel para aposentar. Já em 98 me aposentei, aí não trabalhei mais.

O mesmo acontece com o trabalhador Osvaldo, que após sair da obra não conseguiu trabalhar registrado mais do que três anos consecutivos e hoje, com a ajuda das filhas, sustenta a família como autônomo.

Tá mais difícil, tô cortando umas graminhas, aí agora pareceu esse caminhão aí, tô fazendo umas viagens, tô ajudando meu amigo. Mas amanhã ele tá de volta e aí? Mas é, faz parte né? A idade também, né?

A insegurança deste trabalho faz seu Osvaldo, durante a entrevista, expressar nas suas avaliações o sentimento de nostalgia quando se trata das vantagens ofertadas no trabalho da hidrelétrica, da “segurança” que aquele emprego possibilitava. O padrão de vida que levava enquanto funcionário da UNICON era completamente distinto da situação em que hoje se encontra. Isso vai determinar a maneira como este trabalhador constrói suas lembranças permeadas de sentidos e significados. A instabilidade financeira atribuída pela idade avançada para as ofertas de trabalho na cidade de Foz do Iguaçu evidencia um dos problemas gerados pelo sistema capitalista, pois na medida em que não somos mais úteis para o trabalho devido a problemas físicos, mentais ou falta de capacitação para determinadas

funções, ficamos à margem deste mercado vivendo em condições precárias como a deste trabalhador.

No entanto, quando este trabalhador apresenta como fator determinante a idade para sua condição de vida atual, exige em alguma medida os órgãos administrativos do município (Prefeitura) e da construção (Itaipu) sobre a organização da vinda dos trabalhadores para cidade, bem como a maneira como foram realizadas as demissões. A obra do porte da Itaipu<sup>15</sup> necessitou de um enorme contingente de pessoas e, por isso, foi organizada uma infra-estrutura para abrigar os barrageiros (casas, escolas, clubes, hospital, posto médico, entre outros) no período da construção. Porém, com o término das obras, os cuidados iniciais não foram repetidos para organizar e proporcionar minimamente a esta população condições de trabalho, moradia, lazer.

Não obstante, quando discutimos as memórias dos trabalhadores percebemos que eles compartilham algumas lembranças selecionadas e preservadas pela memória oficial<sup>16</sup> da usina. Em vários momentos a relação de irmandade estabelecida pelos trabalhadores no canteiro de obras, (discurso da Binacional de que a construção foi realizada num ambiente harmônico e sem conflitos), pode ser

---

<sup>15</sup> Conforme é divulgado pela Hidrelétrica, na construção o ritmo alucinante das obras era o mesmo que erguer um edifício de 20 andares a cada 55 minutos; com o volume de concreto empregado poderiam ser construídos 210 estádios da magnitude do Maracanã no RJ; o volume total de terra e rocha removida equivale a mais de duas vezes o volume do Pão-de-Açúcar no RJ; e o ferro e aço utilizados seriam suficientes para edificar 380 Torres Eiffel (França). MONTEIRO, Nilson. **Itaipu, a luz**. Itaipu Binacional. Assessoria de Comunicação Social. Curitiba, 1999, p. 16.

<sup>16</sup> Entende-se por memória oficial os documentos (revistas, relatórios, material publicitário, entre outros) produzido pela Hidrelétrica de Itaipu, no sentido de construir seu posicionamento político e ideológico, que busca no passado elementos que sustentem com coerência a história ou versão sobre os fatos que a envolve, direta ou indiretamente.

percebida nas falas dos trabalhadores aqui entrevistados, como expressa Tizio:

de todas que trabalhei essa foi a melhor (...) igual essa aqui, olha, só quem trabalhou nela memo que pode contá pra vocês hoje.

Entendemos que para uma memória ser hegemônica ela precisa em alguma medida integrar as memórias de outros sujeitos para que os mesmos possam ter identificação com aquilo que está sendo constantemente construído.

Esta re(construção) da memória oficial da Itaipu pode ser evidenciada nos relatórios, em que constam em síntese as atividades produzidas anualmente.

Com o encerramento em 30.06.91, do Contrato de Consórcio UNICON/CONEMPA, foi iniciada sua desmobilização. Os serviços para finalização das obras civis, acabamentos arquitetônicos, apoio à montagem e, para continuidade dos serviços de manutenção das instalações de apoio existentes na área do Canteiro de Obras, terão prosseguimento através de outras empresas contratadas por Itaipu.

No exercício de 1991 termina a construção e inicia a desmobilização do Consórcio UNICON, tendo início a operação de produção de energia máxima. Nestes relatórios anuais, principalmente do período estudado, que sistematiza as atividades exercidas nos anos respectivos, não há menção, assim como não há preocupação de fato com a desmobilização dos milhares de trabalhadores. Este discurso implica no silenciamento de outras histórias, outras memórias como as dos trabalhadores, as quais são substituídas pelos números que a produção de energia forneceria para o abastecimento interno da nação.

Portando, percebe-se que a Itaipu, para justificar seu empreendimento, seleciona os números com a finalidade de construir uma imagem eficiente, com resultados expressivos na produção de energia. Como consequência, minimiza os aspectos sociais, silenciando em seus relatórios a participação desses trabalhadores na construção e na sua desmobilização.

Esta postura interfere na organização do controle social de uma memória que se constituiu historicamente a partir dos embates do dia-a-dia dos grupos ali inseridos. A credibilidade e a organização das informações interferem diretamente na preservação das memórias dos operários da construção de Itaipu (POLLAK, 1989, p. 3-15). Neste sentido, existe a dificuldade em se trabalhar a memória dos setores populares em função da memória oficial. Porém, antes mesmo de nos indagarmos sobre os responsáveis pela transmissão, devemos problematizar o que se quer lembrar e porque se faz necessária esta construção.

Quando indagados sobre o interesse de sair da cidade após serem dispensados com o término da construção, nenhum dos entrevistados se mostrou disposto. Contudo, a frustração e angústia do presente, em que a esperança de conseguir um emprego na cidade, após a dispensa da usina, contribui para planejar migrar novamente em busca de novas oportunidades de emprego. Hoje, mais do que na época, como narra o trabalhador Osvaldo:

acho que talvez esteja pensando mais agora do que na época (...) porque agora tá difícil, né, rapaz (...) não tá fácil não (...) principalmente pra mim né, pessoa que está mais estadin [velho].

Os demais entrevistados preferem ficar, pois estão aposentados e os filhos empregados em Foz do Iguaçu, apesar das mudanças no padrão de vida, se comparado com o período anterior à dispensa. Simon avalia que

hoje em dia eu to, eu tenho esse salarinho, mas esse salário é pouco. Só não passa fome, fome eu não passei nunca e acho que não vou passar. Pra mim, assim, ter uma mordomia como tinha antes mudou muito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral esta pesquisa buscou apontar algumas possibilidades de novos recortes temáticos para contrapor-se aos estudos historiográficos da barragem. Embora as condições de produção não fossem as mais adequadas, buscou-se uma narrativa conjuntural de sucesso e vitórias. Portanto, a compreensão dessas experiências dos operários da construção de Itaipu se constituiu a partir de um ambiente de conflito, resistência, estratégias e disputas em uma diversidade de situações.

Enfim, sem condições de finalizar esta discussão sobre a temática proposta para o estudo, deve-se considerar que há muito a refletir e pesquisar, assim como amadurecer questões sobre a história oral e as memórias, como nos diz Portelli:

não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias” (PORTELLI, 1997, p.7).

Não é tarefa fácil organizar estas possibilidades. Além disso, cabe a reflexão sobre o conceito de Trabalho, entendendo seu significado como mais do que uma ocupação ou um salário para garantir a sobrevivência cotidiana, mas a realização de expectativas e a possibilidade de um futuro melhor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FENELON, Déa Ribeiro. **Revista e Perspectiva: História e Historiografia**. Uberlândia, n. 6, p 5-23, janeiro/junho, 1992.

\_\_\_\_\_. **Revista Projeto História**. PUC/SP. São Paulo, n. 12, outubro 1995.

MENESES, Ulpiano B. A história cativa da memória? **Revista do Instituto de Estudos**

**Brasileiros**. São Paulo, n. 34, 1992.

MOTA, Márcia Maria Menendes. História e Memória. *In*: MATTOS, Marcelo Badaró (Org.). **História: pensar e fazer**. Niterói: Laboratório Dimensões da História/UFF, 1998.

POLACK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. *In*: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Edições Vértice, 1989.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. *In*: **Revista Projeto História – Cultura e Representação**, n. 14, 1997.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.